

SINDICALISMO DOCENTE E A LUTA CONTRA O RACISMO: O CASO DO SINDICATO ESTADUAL DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO – SEPE¹

Gleicimar Gonçalves de Lima²

Em face da opressão que sofrem vários indivíduos em consequência do racismo que, em pleno século XXI, ainda estigmatiza grande parcela da população brasileira, a investigação dos sindicatos — entidades que, teoricamente, devem atuar em prol da conquista e manutenção dos direitos dos trabalhadores — se faz necessária e é o que se pretende demonstrar no presente artigo. Nesse sentido, o estudo da formação do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro, SEPE-RJ, tornou evidente que ainda é incipiente a preocupação do movimento sindical com as questões relacionadas às desigualdades fomentadas entre os trabalhadores pela ideologia capitalista.

É evidente que o racismo perpassa as relações sociais. Nos mais diversos setores da vida social, manifesta-se essa forma de preconceito. No sistema capitalista, por exemplo, será usado para fomentar a divisão da classe trabalhadora.

Os sindicatos por sua vez foram criados pelos trabalhadores como instrumento de luta contra a exploração da classe trabalhadora, que se apóia no racismo fazendo deste conceito um dos elementos da exploração.

Nesse sentido, o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro, SEPE, tornou-se um campo de análise, uma vez que um dos elementos que norteou o estudo relacionava-se á busca do entendimento acerca de como a questão racial foi inserida no meio sindical de modo geral e em particular no SEPE.

Na busca de resposta para algumas questões tais como, quem suscitou o debate, com que perspectiva, quais estratégias de enfrentamento da questão, qual política de enfrentamento de enfrentamento é predominante, como os educadores são envolvidos nesse debate, percorreu-se a história da organização dos trabalhadores nos autores que a estudaram no século XIX, na Inglaterra e na França, locais onde o movimento de trabalhadores se organizou, tomando a forma que hoje é conhecida no contexto

¹ Monografia de conclusão do curso de Graduação- Educação Brasileira e Movimento Sindical – Universidade Federal Fluminense (Brasil). E-mail: gleicimarlima@ig.com.br

² Pedagoga, Professora do Ensino Fundamental da Rede Pública

brasileiro, de modo a compreender não apenas o processo de organização sindical dos trabalhadores brasileiros, mas também como a questão racial foi inserida neste contexto.

Cabe ressaltar que o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro, doravante SEPE, é um sindicato cuja história esta diretamente relacionada ao processo de resistência à ditadura militar.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro percorre a história dos trabalhadores no Brasil e no mundo, os trabalhadores e sua luta por educação, os trabalhadores e a questão racial. No segundo capítulo procuramos resgatar a história do movimento negro no mundo e em nosso país, os dados sobre o movimento negro no mundo são escassos em relação ao nosso país nossa abordagem se situa no período escravocrata e pós escravidão. E finalmente o terceiro capítulo foi estruturado remontando a história da constituição do Sindicato Estadual dos profissionais de Educação CUNHA (1991). Consultamos ainda os documentos do sindicato como seu estatuto, as teses em especial as que tratavam da questão racial coletamos dados através de entrevistas com protagonistas antigos e atuais, militantes da questão racial dentro e fora do sindicato.

Este trabalho foi pautado nos referenciais teóricos marxista.. A relação capital trabalho que tem em sua estrutura a exploração do trabalhador e como um de seus principais instrumentos de dominação a divisão da classe trabalhadora ao ser interpretada não pode fugir de conceitos como luta de classes e materialismo histórico. Tais categorias são fundamentais para desvendar as relações sociais sob o capitalismo.

A metodologia valeu-se de estudos sobre a história da classe trabalhadora, consulta a documentos do sindicato e entrevista de protagonistas que atuaram, contribuíram e contribuem para que o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro atue na luta contra o racismo em nosso país e em especial no Estado do Rio de Janeiro.

Através de nossos estudos podemos constatar que o SEPE se estrutura de forma democrática. Seu modelo de distribuição de poder não é centralizado, como no modelo presidencialista adotado pela maioria dos sindicatos em nosso país. Essa distribuição do poder será constatada tanto em relação às instancias de decisão quanto às de representatividade. Suas instâncias de decisão são as assembleias, e Congressos os

instrumentos de acompanhamento são os conselhos fiscais e deliberativos. Sua representatividade é colegiada obedecendo à proporcionalidade no resultado de eleições. Portanto todas as forças políticas se farão representar proporcionalmente de acordo com percentuais alcançados no pleito eleitoral.

O sindicato se faz presente em quase todos os municípios do Estado do Rio de Janeiro, sendo que sua sede, própria, localiza-se na capital na cidade do Rio de Janeiro. Seu estatuto pode ser alterado em seus congressos, que ocorrem a cada dois anos e as eleições, a cada três anos. As filiações, por sua vez, são voluntárias. Em seus 33 anos de história

Em relação ao aparecimento da questão racial no SEPE que é um dos objetos de nossa investigação podemos afirmar através de depoimento de um dos proponentes que o surgimento da questão se deu em um contexto sócio político onde a classe trabalhadora percebe que precisa combater a fragmentação imposta pelo capitalismo. Desta forma Luciene uma das proponentes da criação da Secretaria afirma que de uma forma geral a questão apareceu “... *no contexto dos sindicatos filiados a CUT preocupados em reverter as condições precárias das relações étnicos – raciais entre os trabalhadores...*” Especificamente em relação ao SEPE Deise Oliveira afirma que o contexto de discussão no sindicato se deu a partir dos questionamentos em torno dos 100 anos da abolição quando a Igreja católica promoveu o debate em torno do tema “Ouvir o clamor de um povo negro” Deise Oliveira afirma que: “... *eu era do SEPE Caxias ... aconteciam sempre encontros grandes massivos ... naquela época o SEPE Caxias entrou um pouco neste debate*”. Constatamos que o surgimento da Secretaria se deu em um contexto de redemocratização do país, o que favorecia as formulações políticas de enfrentamento e combate as opressões.

A construção cotidiana das políticas e as ações da Secretaria de Gênero Anti-racismo e Orientação Sexual

Para remontarmos a construção cotidiana das políticas implementadas por esta Secretaria em especial as políticas voltadas para a questão racial realizamos entrevistas com três militantes que cumprem mandato na atual gestão do sindicato.

A secretaria faz parte da estrutura organizativa do sindicato e possui atribuições estatutárias que são as seguintes: organizar atividades de combate opressões, propor eventos, desenvolver publicações, criar alianças entre os setores oprimidos da sociedade.

É importante mencionar que no último Congresso, realizado no final do ano de 2007 e concluído no início de 2008, foi decidido o desmembramento da Secretaria que hoje se denomina Secretaria de Gênero, e Anti - Racismo Orientação Sexual de acordo com a deliberação do Congresso será formada uma secretaria única. As demandas relacionadas ao racismo se avolumaram muito obrigando esse desmembramento. Deise Oliveira chama atenção para que a separação não torne as lutas estanques de acordo com ela a homofobia as relações de gênero e o racismo tem suas especificidades e isso justifica a separação, porém argumenta que *“... o que tem que continuar havendo é uma relação entre essas três lutas porque as opressões de um modo geral se interrelacionam os programas são separados mas o trabalho tem que procurar ser desenvolvido junto.”*

A articulação da Secretaria com organizações da sociedade civil organizada, o acompanhamento das discussões desenvolvidas em fóruns governamentais e não governamentais são instrumentos importantes auxiliares no desenvolvimento e implementação de políticas de combate ao racismo no sindicato. Tais práticas empregam um dinamismo que atualiza o sindicato em relação às discussões que estão sendo travadas em outras instâncias da sociedade bem como de acordo com Eva Dionísio determinados espaços como os governamentais são espaços de disputa por políticas desta forma ela declara, *“...Nós participamos de congressos , fóruns sobre a questão racial tanto os que são chamados pelo movimento negro da sociedade civil organizada, quanto os chamados pelo poder público Porque não adianta dizer assim: há não vamos nesse fórum porque ele é chamado pelo governo, mas se você não for e não disputar lá dentro não colocar suas idéias o governo vais fazer o que ele quer...”*

A atuação da Secretaria junto aos profissionais de educação é implementada através de seminários, de desenvolvimento de atividades ligadas a questão racial dentro das próprias unidades escolares quando chamadas pela categoria, a proposta de construir um blog para agilizar a troca de informações também esta em pauta como afirma Marise Oliveira *“... a gente tem cartilha textos ... agora mesmo na reunião que nós tivemos a*

gente fez a proposta da construção de um blog onde a gente pudesse estar colocando textos para que a categoria pudesse clicar no blog acessar os textos e levar para a sala de aula, sugestão de aula em fim são coisas que a gente precisa de um coletivo bem atuante que dê conta dessa grande demanda.”

A parceria com as universidades com a participação de professores nos debates a produção de material como boletins especiais também são destacados.

É importante enfatizar que a política de formação desenvolvida pelo sindicato enfatiza a formação política o sindicato procura esclarecer aos profissionais que a formação em relação a questão racial é um dever do governo e um direito do profissional, Eva Dionísio dimensiona o papel do sindicato nesta formação, “... *não cabe ao sindicato dar capacitação pro profissional da educação não é papel nosso cabe sim sensibilizar para que o profissional exija do Estado o aperfeiçoamento não somos nós que temos de dar esse aperfeiçoamento tem que exigir que o governo que o Estado de esse aperfeiçoamento...*”

Portanto, a politização das questões é a base da formação desenvolvida pelo sindicato. O debate com os profissionais para que entendam que a formação é um direito, e que os recursos da educação têm que ser destinados também para a formação é uma constante nos encontros promovidos pelo sindicato.

Outra questão que tem sido debatida pelo sindicato, através da Secretaria, são as cotas raciais. Tanto que no último congresso foi votado o posicionamento favorável do sindicato a essa questão. Ter se posicionado favoravelmente a essa política tem como resultado o sindicato defender em seus materiais e fóruns a aplicação da política por parte do governo das cotas raciais nas universidades.

Mesmo a decisão sobre as cotas ter sido votada como uma resolução o sindicato ainda não entrou neste debate de acordo com Deise Oliveira a causa para este fato está relacionada ao mito da democracia racial que ainda é muito forte dentro do sindicato.

É importante percebermos que a luta contra ao racismo sofre os reflexos das questões políticas mais gerais em torno do tema. O reformismo e o mito da democracia racial muitas vezes dificultam o desenvolvimento de políticas que defendam interesses contrários aos dessas duas concepções. Por isso não há o envolvimento da direção como um todo na condução das políticas propostas para esse setor por isso a condução do

processo será permeada pelas concepções de quem ocupa os cargos de direção e de quem compõe a Secretaria Deise Oliveira nos chama atenção quando faz as seguintes indagações, que embora estejam voltadas apenas para quem ocupa o cargo na Secretaria, em meu entender se estende a direção como um todo porque são essas concepções que vão prevalecer no momento da elaboração e proposições das políticas. “... quem ocupa o cargo? Tem inserção na base? Quer fazer um trabalho de base? A corrente permite? É a linha da corrente? E exemplifica “... quando tinha um setor governista no SEPE a própria política de colaboração com o governo Lula impedia com que esses setores implementassem uma política de mobilização, a mobilização significava a perda do controle e a perda do controle poderia permitir uma mobilização contra o governo...” Neste contexto Deise continua sua análise afirmando “...entra uma questão política de conhecer o programa fazer uma relação do específico com o geral essa formação falta...” de acordo com ela “...e aí entra o problema específico da esquerda que foi educada pelo estalinismo de que esta questão é secundária é para depois da revolução e existe essa cultura essa coisa da pressão dos aparatos que leva ao corporativismo que reduz as idéias como: vamos ver a coisa da categoria salários ... então estamos enfrentando toda uma questão para reeducar e vencer concepções de que essa luta é secundária que os recursos são prioritários para todas as outras questões menos para essa...” Em relação às dificuldades enfrentadas no envolvimento da direção como um todo nessa questão Marise afirma: “... Eu acho que a gente precisa para um curso de formação dos diretores sindicais... porque eles não negam recursos mas não percebem a importância que é não se envolverem não vão às atividades mesmo quando a atividade é no seu núcleo na sua regional vão lá fazem a saudação e saem fora.”

Para nós, as concepções políticas vão determinar o encaminhamento das lutas contra as opressões no capitalismo. Essas concepções podem ser assim interpretadas: uma que defende a inserção do negro na estrutura capitalista e outra que entende que a inserção do explorado não acaba com a exploração e nem com as formas de sua manutenção - como a divisão da classe trabalhadora pela ideologia capitalista que tem no racismo um poderoso instrumento - e que, portanto temos de combater essa forma de organização social que alimenta o racismo.

Eva Dionísio nos respondeu da seguinte forma entendimento que tem sobre a luta contra o racismo se de inserção do negro na sociedade ou de questionamento das estruturas sociais capitalista, seu posicionamento foi o seguinte: *“...existem essas duas realidades sim. Eu vejo, por exemplo, as ações afirmativas a questão das reparações como uma coisa positiva parte do Movimento Negro não vê. Claro que nós os chamamos de mais sectários esse grupo não vê a questão de reparações, as ações afirmativas o sistema de cotas como um ganho a Lei 10. 639 é um ganho o meu grupo do Movimento Negro que é o Circulo Palmarino, nós vemos que essas ações afirmativas COMO medidas paliativas e necessárias porque não adianta você querer dizer que vamos instaurar o socialismo na sociedade e vai acabar com o racismo que não vai é claro que nós queremos uma sociedade socialista comunista, mas não vai ser instaurando o socialismo que vai acabar o racismo, o sexismo, agora por outro lado eu concordo com essa parte do Movimento Negro que diz que o capitalismo ele reforça o racismo porque ele se aproveita dessa discriminação e se fortalece nisso e automaticamente fortalece essa ideologia racista eu vejo com um pezinho lá e um pezinho cá. A entidade que eu milito também tem resolução favorável a questão de cotas as ações afirmativas isso é deliberação de Congresso somos favoráveis mas sabemos que são medidas paliativas não são medidas que vão solucionar o problema como o socialismo também não vai resolver mas numa sociedade socialista é mais fácil você lidar você discutir porque as pessoas vão estar propensas a discutir mais sensíveis a discussão”*.

O envolvimento da categoria nas atividades propostas pelo sindicato recebe uma avaliação positiva dos diretores que afirmam que a interesse e envolvimento dos profissionais nas atividades.

Para Daise Oliveira uma das tarefas do sindicato é articular os trabalhos isolados sobre a questão racial que vem sendo desenvolvido pela categoria em seu ambiente de trabalho.

Em relação ao acesso aos dados para o trabalho de pesquisa percebemos que o sindicato não tem sistematizado o registro de sua história apesar de sua sede ser própria não há um local destinado para acervo de documentos como teses de Congresso, por exemplo, que no meu entender são importantíssimas para a interpretação de dados como: em que momento houve a hegemonia de que grupo, as políticas que prevaleceram estavam relacionadas a que agrupamento político.

A história da Secretaria só pode ser remontada através do depoimento de alguns protagonistas que conseguimos contactar. Muito do que conseguimos remontar estava guardado na memória dos que ajudaram construir a história de luta destes 33 anos do sindicato

Um dado importante para o sindicato, que encontramos ao tentarmos remontar a história da Secretaria. A dificuldade para ter acesso aos dados, e a dispersão dos mesmos foram fatos marcantes para o desenvolvimento do trabalho. Foi a dificuldade encontrada para ter acesso aos poucos dados encontrados para remontar essa história. Pela dimensão e importância política deste sindicato sua memória deveria ser preservada não somente através de relatos orais de seus protagonistas, mas com destinação de recursos para registro e armazenamento da mesma.

A inter-relação com a sociedade civil organizada, com o movimento Negro e os fóruns governamentais e não governamentais imprime uma dinâmica interessante para a formulação das políticas contra o racismo, a articulação com a academia é uma excelente estratégia no sentido de unificar o campo teórico com o campo prático evitando o pragmatismo sindical que não nos permite reflexões.

As disputas ideológicas travadas no campo das concepções em relação ao enfrentamento da questão racial, ora com os reformistas, ora com os que estão impregnados pela ideologia do branqueamento mostra o dinamismo democrático no sindicato e o torna protagonista de uma prática de política sindical pouco comum em nosso país.

Embora, neste artigo nos detivemos na terceira parte da monografia que investigou como a política de enfrentamento contra o racismo é formulada e implementada pelo Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação, a conclusão a seguir percorrerá os três capítulos da monografia que se estruturou com seguintes temas – *Trabalhadores e o movimento sindical* – *Trabalhadores e o Movimento Negro* – *O sindicato dos trabalhadores da educação e a questão racial*.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, percorremos a história da organização dos trabalhadores contra a exploração do capital. Percebemos que esta trajetória está atravessada por disputas que dividem os trabalhadores.

Por um lado, temos aqueles, que, desde a revolução russa ou até mesmo antes dela, com as primeiras organizações dos trabalhadores, acreditam ser possível conciliar capital e trabalho e, outros que acreditam em uma outra forma de organização da sociedade onde seja superada a exploração do homem pelo homem.

Ao se organizarem em partidos ou sindicatos, os trabalhadores socialistas, que têm certeza de que sob o capitalismo sempre haverá exploração lutaram e lutam duplamente contra aqueles que estão dentro dos partidos e dos sindicatos tentando fazer a conciliação e os capitalistas que através de medidas como a reestruturação produtiva, a abertura de mercados e a flexibilização das relações de trabalho, buscam apenas formas de aprofundar a exploração.

Ao remontarmos uma pequena parte do que foi o sindicalismo no Brasil na década de 80 e 90, através dos estudos de BADARÓ e ANTUNES, podemos constatar, com o sindicalismo de resultados, o quanto foi abandonada a luta contra a exploração do capitalismo sobre os trabalhadores. A luta por uma escola que tenha o trabalho como centro de sua formação faz parte da luta dos trabalhadores ao longo da história. A superação de uma escola que forme para o trabalho e os valores burgueses está sempre nos trabalhos teóricos desenvolvidos pelos educadores reconhecidos como intelectuais orgânicos da classe trabalhadora.

Como uma das maiores expressões dessa luta, podemos reconhecer PISTRAK em Fundamentos para uma escola do trabalho e MAKARENKO com seus poemas pedagógicos.

O reconhecimento de que a opressão dos trabalhadores negros dos homossexuais e das mulheres pós istalinismo não pode ficar para depois da revolução é um avanço da classe trabalhadora em sua luta contra a exploração capitalista. A análise sobre a constituição do movimento negro que, ao longo de sua trajetória, lutou pela inserção do negro em uma sociedade desigual e o reconhecimento pelo Novo Movimento Negro que a luta

pela inserção não faz diminuir as desigualdades entre brancos e negros e que, portanto, devemos entender que a luta contra a discriminação deve ser uma luta contra o capital.

Desta forma, está inaugurada uma nova fase do movimento negro, na qual temos a certeza de que a opressão contra os negros serve ao capital para manter a classe trabalhadora dividida. O envolvimento dos sindicatos e o entendimento que devemos combinar a luta contra o capital com as lutas contra as mais diversas formas de opressão significa o fortalecimento da classe trabalhadora na luta contra a exploração. O fato de o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação SEPE manter uma secretaria voltada para a formulação de políticas de combate as mais diversas formas de opressão demonstra que os educadores organizados buscam o fortalecimento da luta contra a discriminação e o preconceito muito comum no interior das escolas.

Em relação a implementação das políticas contra o racismo desenvolvida pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação SEPE podemos concluir que a elaboração e a proposição de políticas para esse segmento enfrenta dentro da estrutura sindical a disputa por concepções de enfrentamento.

A ideologia do branqueamento bem como os resquícios de uma interpretação instalinista, por parte de alguns setores da esquerda, de que a questão das opressões é para ser enfrentada depois da revolução são desafios cotidianos para a implementação da luta contra o racismo .

Ao tentarmos percorrer a historia dos trabalhadores na luta contra o capital através de suas organizações, nos propomos a um trabalho que está em aberto, pois, apesar de nossos esforços, não conseguimos pontuar a preocupação do movimento sindical desde sua concepção com as questões de desigualdades fomentada entre os trabalhadores pela ideologia capitalista. Tentamos demonstrar que os trabalhadores, ao lutarem contra a exploração de sua força de trabalho exigindo melhor remuneração através de suas organizações, também lutam pelo direito a uma educação que os liberte da exploração capitalista, lutam por sua concepção de educação que tem o trabalho como principio formador.

As desigualdades de inserção no mundo do trabalho entre negros e brancos nos levam a afirmar que essa desigualdade é estrutural e vem se constituindo ao longo da história de nosso país com os negros marginalizados e mantidos através das desigualdades de renda

e de acesso a educação nos estratos mais inferiores da divisão do trabalho. A maioria trabalha em situações penosas e insalubres e quando há escassez de postos de trabalho, mesmo esses são disputados pelos brancos e o que resta para os negros é o desemprego a fome e a miséria. A institucionalização do movimento negro freia as lutas e as limita a uma institucional idade que está a quem das necessidades de uma sociedade que precisa superar e não minimizar o sofrimento ao qual é submetida a maior parte de sua população cuja maioria absoluta dos penalizados são os negros.

Referência bibliográfica

ANTUNES, Ricardo O Novo Sindicalismo no Brasil Campinas São Paulo, Pontes,1995.

_____ O que é sindicalismo coleção Primeiros Passos, circulo do Livro

ALTHUSSER, Louis Aparelhos Ideológicos de Estado Ed. Graal, 1983.

BOURDIEU, Pierre PASSERON Jean-Claude A reprodução Rio de Janeiro:

Ed.Francisco Alves. 1982

CANDIDO, Filho José O movimento operário: o sindicato, o partido Oliveira (org.)

Niterói, Intertexto, 2000.

CARONE, Edgard Movimento Operário no Brasil (1877-1944), São

Paulo, DIEFEL, 1984.

_____ Movimento Operário no Brasil .I (1945-1964)

_____ Movimento Operário no Brasil .I (1965-1984)

CANNON James P. libertação dos negros mediante a revolução Socialista in. Livreto

editado pela Liga Quarta Internacional do Brasil 3ª Edição, abril de 2002. Volta

Redonda, Rio de Janeiro Brasil.

COSTA, Jurandir Freire. Da Cor ao Corpo. In Tornar-se Negro. Rio de Janeiro. Graal,

1983.

CROCHICK, José Leon. Preconceito indivíduo e cultura. Editora Robe, 1997

CUNHA, Luiz Antônio Uma Leitura da Teoria da Escola Capitalista Rio de

Janeiro:Ed.Achiamé.1982

DURKHEIM, Émile Educação e Sociedade Ed. Edições Melhoramentos

.DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA.

DICINARIO AURÉLIO

ENGELS, Friedrich A situação da classe trabalhadora na Inglaterra São Paulo:

- Global. 1985.
- ESTUDOS & PESQUISAS n° 4 Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. EDUFF, Niterói RJ 1998.
- FERNANDES Florestan A integração do NEGRO NA SOCIEDADE DE Classes V2 São Paulo, Atica 1978.
- FILHO. José Candido O Movimento Operário: o sindicato o partido. Petrópolis, Vozes 1982
- GADOTTI, Moacir História das idéias Pedagógicas. Ática, São Paulo,2002.
- GONZALEZ Lélia Hasenbalg Carlos Lugar de Negro Rio de Janeiro Marco Zero,1982.
- HASENBALG, Carlos A. Relações Raciais no contexto nacional e internacional. In -----SILVA, Nelson do Valle. Raça e Oportunidades Educacionais no Brasil. In Cadernos de Pesquisas São Paulo (73): 5-12, maio 1990.
- IANNI, Octavio Raça e classes sociais no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,1966
- ILLICH, Ivan Sociedade sem escola Petrópolis:Ed. Vozes.1979.
- MAGGIE, Yvonne. Aqueles a quem foi negada a cor do dia: as categorias cor e raça na cultura brasileira. Raça, Ciência e Sociedade Texto Mimeografado.
- MARX & ENGELS Textos sobre Educação e Ensino São Paulo. 1983.
- MARX, Karl Contribuição a critica da economia política,Martins Fones, 1983
- MATTOS, Marcelo Badaró O sindicalismo brasileiro após 1930
- MANFREDI, Silvia Maria Educação sindical entre o conformismo e a critica
- MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem e Identidade Afro-Brasileira. Conferência UFF 20/11 a 20/12/1998

------. Teorias sobre o racismo. In ESTUDOS & PESQUISAS n° 4
Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. EDUFF,
Niterói RJ 1998.

------. O negro na sociedade brasileira: resistência , participação ,
contribuição in História do Negro no Brasil Fundação Cultural Palmares, Brasília 2004.

NOGUERA Maria Alice Educação, saber e produção em Marx e Engels São Paulo ,
Cortez Editora , 1990.

OLIVEIRA, Iolanda de Relações raciais: discussões contemporâneas CADERNOS

PENESB n° 2.Niterói: Intertexto, 1999.

PAIXÃO Marcelo e LUIZ M.Carvalho Relatório Anual das Desigualdades Raciais no

Brasil; 2007 – 2008, Editora Garamund Ltda 2008.

PEREIRA, Amauri Mendes Trajetórias e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro,

Belo Horizonte, Ed. Nandyala, 2008.

PISTRAK Fundamentos da Escola do Trabalho São Paulo, Ed. Expressão Popular 4ª

edição 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. Raça e Educação inicial. Cadernos de Pesquisa São Paulo (77):

25-34, maio 1991.

RUFINO, Joel dos Santos. O que é racismo? Editora Primeiros Passos 15ª edição,

1994.

SCHWARCZ, Lília Moritz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão

racial no Brasil 1870-1930. São Paulo Companhia das Letras, 1993.

------. Sob o signo da diferença: a construção de modelos raciais
no contexto brasileiro. In ESTUDOS & PESQUISAS n° 4 Racismo: perspectivas para
um estudo contextualizado da sociedade brasileira. EDUFF, Niterói RJ 1998.

SEYFERTH, Giralda. A Antropologia e teoria do branqueamento da raça no Brasil: a

tese de João Batista de Lacerda. In Revista do Museu Paulista. N.S. Volume XXX,

1985.

----- . A invenção da raça o poder discriminatório dos estereótipo.
Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1995.

----- . O Conceito de Raça e as Ciências Sociais. Texto mimeografado

SILVA, Marcus Vinicius de Oliveira Psicologia, subjetividade e relações raciais no
Brasil.

in. BOCK Ana M. Bahia (org) Psicologia e o compromisso social Cortez editora.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se Negro; as vicissitudes da identidade do negro

brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

TODOROV, Tzvetan. Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade

humana. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.